

PRIMEIRO BLOCO / ossos



Ninguém aqui teve infância, ela diz. E agora estamos envenenados até os ossos.

Não é mais a típica conversa de mesa de boteco entre duas pessoas que acabaram de se conhecer. A moça sentada à esquerda de Hugo está realmente querendo dizer, dizendo alguma coisa. Ele tenta se lembrar do nome dela, dito assim que ele chegou e se sentou à mesa e eles foram apresentados por um conhecido em comum de cujo nome ele também não consegue se lembrar.

Olhando ao redor, Hugo confere quem está à mesa. São quase todos rostos conhecidos, colegas de trabalho curtindo a happy hour de uma quarta-feira, véspera de feriado prolongado, e é como se ele soubesse e não sou-

besse seus nomes, ou como se soubesse e sentisse que isso (saber seus nomes) não significa nada.

Não chegam a ser amigos, pessoas realmente próximas, mas colegas da emissora reunidos após o expediente, quando alguém se lembrou de ligar para ele e ele, sozinho em casa, meio deprimido e muito entediado, enxergou a possibilidade de sair um pouco como algo bom e saudável.

A moça é muito jovem e fuma sem parar. Desde o momento em que ele chegou e se sentou ao seu lado e decidiu beber o mesmo que ela (arak), engataram uma típica conversa de mesa de boteco sobre o que se deve ou não beber nos dias de hoje, quais as melhores marcas e os melhores tipos de bebidas, e concordaram que a esmagadora maioria das cervejas nacionais se tornara veneno puro.

Eu bebia cerveja quando moleque, ele disse. Era outra coisa, não esse lixo que fazem hoje usando cevada sintética e não sei mais o quê.

Quando moleque?, ela perguntou.

Quando moleque. Na minha adolescência desocupada de cidade do interior. Ou, talvez até fosse o caso de dizer, na minha infância tardia.

Foi quando ela riu e disse:

Ninguém aqui teve infância. E agora estamos envenenados até os ossos.

E logo depois ela completou:

Ou a partir deles. Digo, dos ossos.

Hugo não esperava por algo desse tipo. Infância, agora, ossos, envenenaram. Uma alusão direta à Calamidade, à devastação recente. SÉRIO, ele a observa tomar um pequeno gole de arak, fazer uma careta, dar uma longa tragada no cigarro.

Qual é o seu nome mesmo? Eu esqueci.

Renata, ela sorri. Renata Campos.

Ela é branca, os cabelos pretos, curtos, e tem os olhos puxados. Usa óculos de grau e segura o cigarro aceso como John Travolta naquele velho filme de John Woo. E diz:

Também esqueci seu nome.

Hugo. Hugo Silva.

Também trabalha na TV, Hugo Silva? Não me lembro do seu rosto.

Meu nome.

Seu nome?

Sou roteirista. Se fosse o caso, você se lembraria do meu nome.

Se fosse o caso?

Se fosse o caso de se lembrar.

E por que não é o caso de eu me lembrar?

Porque você não vê os programas que eu roteirizo.

Não?

Não.

E que programas são esses?

De humor. Sábado à noite, domingo à tarde. Humor escrachado, sabe? As mesmas situações, repetidas programa após programa, risadas gravadas, bordões e coisa e tal.

Eu não vejo os programas que você roteiriza, Hugo Silva.

Foi o que eu pensei.

Foi o que você disse.

Foi o que eu disse.

Ela apaga o cigarro e acende outro em seguida. Hugo olha outra vez ao redor e repete mentalmente os nomes das pessoas que estão à mesa. Pequenos apagões mentais. Reflexos de seus dezesseis, dezessete, dezoito anos, quando havia uma constelação de drogas à disposição, drogas novas e velhas, todas liberadas, todas ao alcance das mãos e dos bolsos de todo mundo, a concorrência jogando os preços lá embaixo. Hugo exagerou por um tempo, rapaz recém-chegado do interior, sozinho na maior cidade do país. Mas todo mundo exagerava naquela época, dez, doze anos antes, e todo mundo parecia estar ou estava de fato sozinho na maior cidade do país.

Eu tive infância, ele diz.

E como é que ela foi?

Normal.

E que diabo é isso?, ela ri.

Não sei.

Pergunte aos seus pais. Talvez eles saibam.

Não posso.

Ele não precisa dizer mais nada. Ela entende. Ele não pode perguntar aos pais. Ela compreende, assopra a fumaça, diz:

Sinto muito.

Tudo bem.

De onde eles eram?

Goiás. Eu também sou de Goiás. Passei a minha infância lá.

A sua infância normal.

A minha infância normal. E depois a minha infância tardia.

Goiás foi arrasado.

Foi. Goiás foi arrasado. Não existe mais.

O lugar da sua infância.

Entendi aonde você quer chegar.

Eu não quero chegar a lugar algum, Hugo.

O sol está se pondo em algum lugar. Renata segura o cigarro como John Travolta em um velho filme de John Woo e não quer chegar a lugar algum. Agora ele não consegue deixar de olhar para ela. Muito jovem, fumando sem parar. Dizendo coisas, bebendo o mesmo

que ele, não, ele está bebendo o mesmo que ela, ele chegou depois, meio deprimido, entediado, sair um pouco, olá, tudo bem?, muito prazer.

Eu sou baiana. A minha cidade tinha o mesmo nome que esse bar, sabia?

Ibotirama.

Ibotirama. Minha família inteirinha. Foi isso que eu quis dizer. O lugar de onde eu vim, as pessoas com quem eu cresci. Minha infância ficava lá, naquele lugar e naquelas pessoas. O lugar foi arrasado, as pessoas não existem mais.

Mas você disse que não tivemos infância.

Disse.

Nós tivemos, sim. Tivemos e depois perdemos.

Ela pensa um pouco, dá uma tragada. E sorri.

Por que está rindo?, ele pergunta.

Sorrindo.

Sorrindo. Por que está sorrindo?

Porque só nos conhecemos há quinze minutos e já estamos conversando sobre essas coisas. Não é mais a típica conversa de mesa de boteco. Pelo menos, não entre duas pessoas que acabaram de se conhecer.

Vou pedir mais uma dose. Quer mais uma dose?

Por que não?

Juntaram três mesas e agora são catorze, dezesseis se contarmos Renata e Hugo, mas são catorze pessoas

falando mal de colegas de trabalho ausentes e dos chefes e planejando o feriadão e pedindo mais bebidas e cogitando pedir alguma coisa para comer ou beliscar enquanto o bar enche mais e mais e gravatas são afrouxadas e todos respiram aliviados, livres, leves, a próxima segunda-feira tão distante e inefável quanto o extinto estado do Acre.

Havia uma piada que circulava pelas mesas de botecos paulistanos anos antes sobre o estado do Acre, e nem era bem uma piada, mas o tipo de grosseria preconceituosa cometida por alguns paulistanos contra lugares distantes de São Paulo, contra lugares que não são e nunca serão (ou seriam) como São Paulo, e as pessoas falavam sobre coisas de cuja existência duvidavam, coisas que eles achavam que não existiam, lendas, e uma dessas coisas era o estado do Acre. Hugo se incomodava com isso porque às vezes se referiam dessa forma a Goiás. Ele se incomodava e prometia a si mesmo voltar para a terra natal tão logo terminasse o mestrado, voltar para Goiás, para os pais, para os amigos, para casa.

Mas ele nunca terminou o mestrado, começou a escrever para a televisão, a ganhar um bom dinheiro, e então veio a Calamidade e Goiás, a exemplo do Acre, não existe mais, foi arrasado.

Porque só nos conhecemos há quinze minutos e já estamos conversando sobre essas coisas, ela disse.

O engraçado é que foi ela dizer isso e eles se calaram. Hugo e Renata sentados lado a lado com suas doses de arak, de repente sem ter mais o que dizer, sem a mínima vontade de dizer qualquer coisa, e ficam então ouvindo as conversas dos outros por um tempo, fingindo interesse, fingindo entender tudo, e algumas coisas ele de fato entende, o supervisor fulano de tal é um sacana, olha o que ele fez comigo, outras não. Renata fuma um cigarro atrás do outro, um maço inteiro em questão de minutos, feito alguém ansioso porque a mulher está parindo logo ali e houve complicações, senhor, eu sinto muito mas.

Me fala alguma coisa da sua infância, ela pede depois de um tempo.

Da minha infância?

Da sua infância normal, não da sua infância tardia, ela sorri.

Para quê?

Eu quero ter certeza de que você não a perdeu.

Eu não a perdi.

Então me conta alguma coisa.

Eu não ia saber o que contar. Eu não sei o que você quer ouvir.

Eu quero ouvir o que você quiser contar. Não precisa ser nenhuma grande história. Para falar a verdade, eu

até prefiro que seja uma história pequena, boba. Uma coisa qualquer. Tipo, seu primeiro dia na escola.

Eu não me lembro.

Você não se lembra do seu primeiro dia na escola?

Não, eu... eu não me lembro de certas coisas. Minha memória é meio falha, e de vez em quando eu tenho tipo uns miniapagões, sabe? Esqueço de algumas coisas, coisas até bobas, por alguns segundos.

O que você tomou, rapaz?

Ele ri. Ela acertou:

Eu inalei muito cury anos atrás.

Cury? Eu experimentei uma ou duas vezes. Me deu dor de cabeça. Dizem que ferra com a cabeça da gente mesmo. Perda de memória, essas coisas.

O que você usa?

Eu sou passadista: fumo maconha de vez em quando.

Maconha? Mas não plantam isso há pelo menos cinco anos.

Sintética, querido.

Claro, ele ri. Arvorezinhas de plástico.

Quase isso.

Hugo toma um gole e por um segundo se vê sentado no tapete de uma sala espaçosa fumando maconha com Renata, e diz:

Tá, eu vou contar.

Ele se ajeita na cadeira e ela faz o mesmo. As conversas dos outros desaparecem. Os outros fregueses do bar desaparecem. O bar desaparece, a Augusta, os carros, São Paulo desaparece. Renata olha fixamente para o rosto de Hugo, que por sua vez olha para o chão. Ele olha para o chão e começa a contar.